

GENY APARECIDA CANTOS

**UM NOVO OLHAR SOBRE "VELHAS" E "NOVAS" PRATICAS DE ENSINO
EM SAÚDE UTILIZANDO O SISTEMA *BIODANZA* COMO BASE
REFERENCIAL**

**Monografia apresentada
para fins de titulação
como facilitador de
biodanza-Sistema Rolando
Toro Escola de Biodanza
de Gravatal tendo como
diretora Silvia Eick.**

Florianópolis

2007

*Mais que avaliar as provas ou dar notas, o importante é ensinar com amor,
mostrando que sempre é possível fazer a diferença
(autor desconhecido)*

Minha gratidão

E meu carinho especial aos alunos da oitava fase que cursaram a disciplina de Parasitologia Clínica, no ano 2006, em especial ao *Aldo C. De Oliveira, Camila A. De Souza, Carolina S. De Souza, Fabiana L. Bressolaro, Fausto I. Barbosa, Gelso Luiz Borba Jr, Janaina C. Borges, Karin Iung Da Silva, Keli Cristina Noafon, Marcos Galvão.*

A Silvia Eick pelas sementes que plantou, pela sua força interior e por acreditar nos valores e conquista de cada um.

A Dalila Regina Zotti por irradiar beleza, paz, alegria, coragem, otimismo e sobretudo emoção para todos que vivem ao seu redor.

Aos meus filhos Rodrigo e Luciana por fazerem parte da minha vida, nesta trajetória de amor.

A Elizabete Mello que facilitou minha vida ao longo desses anos e me oportunizou a ver a vida com outros olhos.

A todos amigos e companheiros do curso de formação, pelo amor e compreensão nos momentos de certezas e incertezas, pelos obstáculos vencidos, pelo respeito, confiança e consideração.

Ao João Carlos Machado por fazer parte deste mundo na totalidade de seu ser e por compartilhar de tantos sentimentos.

Para Ângela Paiva pelo convívio e afeto e por compartilhar a alegria de tantas conquistas.

Ao Jorge Terrén pela consciência de luz e marco de transição na minha vida.

Ao César Wagner, mestre de coragem e sabedoria.

Ao Feliciano E.V. Flores pelos conhecimentos e pela correção deste trabalho.

A todos facilitadores e biodanceiros que partilharam a dança pela conquista de um mundo melhor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. CONTEXTUALIZADA E RELEVÂNCIA DO ASSUNTO.....	05
3. PROPOSTA PEDAGÓGICA DE ENSINO NA ÁREA DE SAÚDE....	07
4. OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS.....	08
5. UNIVERSIDADE, CIÊNCIA, ENSINO: NOVAS IDÉIAS E SUGESTÕES PARA FUTURAS REFLEXÕES.....	11
6. ATIVIDADES DE AÇÃO E REFLEXÃO.....	12
6.1. <i>Desenvolvimento.....</i>	<i>12</i>
6.2 <i>Retorno às aulas.....</i>	<i>15</i>
6.3. <i>Primeira aula de parasitologia: acolhimento.....</i>	<i>16</i>
6.4. <i>A identidade e reconhecimento dos parasitas.....</i>	<i>18</i>
6.5. <i>Reforçando o aspecto saúde.....</i>	<i>22</i>
6.6 <i>Trabalhando a determinação.....</i>	<i>23</i>
6.7. <i>Trabalhando a escolha.....</i>	<i>24</i>
6.8. <i>Contornando os obstáculos: por uma investigação mais ética.....</i>	<i>25</i>
6.9. <i>Ancilostomose e algumas reflexões sobre simbiose.....</i>	<i>26</i>
6.10. <i>Teníase e cisticercose e a relação tu e eu.....</i>	<i>27</i>
6.11. <i>Modelo celular aplicado às relações humanas.....</i>	<i>31</i>
6.12. <i>Schistosoma mansoni e o elemento água.....</i>	<i>33</i>
6.13. <i>Roda de embalo: revisão de lâminas.....</i>	<i>35</i>
6.14. <i>Avaliação e auto-avaliação.....</i>	<i>37</i>
7. CONCLUSÕES.....	47
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
9. ANEXO DA FICHA DE AVALIAÇÃO	53

1. INTRODUÇÃO

Toda ação começa com uma idéia. E a idéia desta monografia teve como cenário uma maratona da Escola de Gravatal, que ocorreu em fevereiro de 2006, com o facilitador Jorge Terrén. Na ocasião, em momentos de sua fala, ousei sonhar com a possibilidade de uma nova prática de ensino acadêmico, que trouxesse uma mudança no entendimento da dinâmica do processo do conhecimento, onde se valorizaria, em diferentes dimensões e manifestações, práticas do tipo éticas, afetivas e existenciais.

A prática interdisciplinar e multiprofissional seria valorizada, apostando na idéia de que a Universidade constitui um lugar privilegiado, o qual possibilita um viver melhor e mais feliz, um mundo mais solidário e menos desigual. Dentro desta lógica de pensamento, utilizaria a pluralidade de saberes e fazeres de apoio científico para contextualizar a condição humana na sua própria consciência, na perspectiva de que as ações podem ser decorrentes de eventos emocionais, genéticos, políticos, ambientais, religiosos. Não se negariam os problemas, mas reforçaria o aspecto saúde e qualidade de vida. O saber científico passaria pelo mistério da sensibilidade, pela escuta sensível, pela fala emocionada, pelo assombro do mistério da vida. Os estudantes teriam acesso a uma realidade experimentadas, supostamente transcendentas, plenas de consciência.

Assim, o presente trabalho caracteriza-se como uma oportunidade pessoal de apresentar uma reflexão na qual, por meio dos indicadores levantados, seja possível ministrar disciplinas integradoras, voltadas para talentos humanos, buscas pessoais e um estado máximo de satisfação individual e coletiva, numa tomada de consciência ecológica, integrando aquilo que foi devidamente separado.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO, PROBLEMÁTICA E RELEVÂNCIA DO ASSUNTO.

A questão central que será colocada neste trabalho faz parte de uma necessidade de um repensar sobre as práticas concretas nas diversas disciplinas ministradas por professores na área da saúde, neste caso específico na disciplina de Parasitologia a qual leciono para alunos da graduação do curso de Farmácia, opção Análises Clínicas, de forma a possibilitar uma nova leitura e talvez uma nova abordagem para questões como, por exemplo, a prevenção e o controle das doenças parasitárias e no “sentir-se doente”.

Por suposto, as práticas de saúde já possuem um quadro referencial bem definido, analítico e de base biológica, sendo que os problemas de saúde no âmbito da atenção primária acabam sendo tomados como medidas “simples”, mas que na realidade envolvem situações sociais, econômicas e culturais de difícil abordagem, necessitando vários tipos de saber, de um trabalho pluri, multi, inter e transdisciplinar, para o enfrentamento de novas práticas (SCHRAIBER, 1996).

O crescimento e a complexidade de novas doenças e a mudança de comportamento da assistência médica clamam pela construção de alternativas às novas possibilidades de trabalho para estes problemas, sendo necessário considerar a estrutura de qualquer ser vivo em seus contextos bio-ecológicos (Silva, 2005).

O conhecimento parece estar a serviço do desejo humano de resolver problemas insolúveis, eliminando as doenças e antecipando problemas que poderiam ser mais facilmente prevenidos que curados. Nesse sentido, é preciso advogar não somente sobre as reais

necessidades em saúde, como também repensar sobre os saberes e interesses dos diferentes professores envolvidos na área da atenção à saúde (Zoboli, 2005). É preciso que se reflita sobre o que está sendo ensinado, como está sendo ensinado e por quem está sendo ensinado, pois não é mais possível continuar educando da maneira como se vem educando (Daniel, 1997).

Com este entendimento, o sistema *biodanza* poderia oferecer uma alternativa de linguagem para os professores, contribuindo para o aprendizado e integrando harmoniosamente a qualidade do ensino. As soluções para a saúde pública dependeriam menos da incorporação de novos saberes e técnicas, e sim de uma universalização "*preventiva*". Não obrigatoriamente aniquilaria o acompanhamento da prática clínica, mas ao contrário reconheceria o indivíduo na sua totalidade e colocaria como estratégia um sistema que o indivíduo se veicularia com a vida e com seu "resto de saúde". Dentro deste olhar, as pessoas não seriam doentes e sim pessoas humanas, conectadas com a saúde, buscando a todo instante, a sabedoria de cada um e o prazer de viver.

3. PROPOSTA PEDAGÓGICA DE ENSINO NA ÁREA DE SAÚDE

A proposta da educação e saúde, como via de ação política, necessita de uma ética social responsável e solidária que permeie as práticas e os saberes da educação e da saúde como garantia de um desenvolvimento social e econômico humanizado, onde o ser humano possa ser o eixo dessas políticas.

A partir das reflexões sobre nossa prática docente na área de saúde, o eixo central desta proposta será a participação dos alunos

como sujeitos no processo de ensino-aprendizagem e o uso da ação-reflexão-ação como método de ensino e trabalho, em uma inserção consolidada nos fazeres e saberes do cotidiano acadêmico. Este referencial poderia trazer uma mudança no entendimento da natureza organizacional da universidade, o que implicaria em uma nova ética do fazer ciência e suas práticas acadêmicas.

Assim, este trabalho tem como propósito realizar uma reflexão teórica acerca das implicações e racionalidade moderna na prática de ensino presente nas ações de saúde. A disciplina ministrada por cada professor seria como fio condutor, que levaria o indivíduo a se relacionar com as características da universidade promotora do curso, reconstruindo alguns aspectos da sua formação profissional. Por outro lado, a partir dessas reflexões, acredita-se que se poderia vir a desenvolver uma prática assistencial de prevenção e como recurso de mudança à qualidade de vida, sendo estas as prioridades fundamentais na formação de novos profissionais. A sugestão é que se transite em torno do eixo equilíbrio, dando maior ênfase ao bem-estar, a esperança, aos hábitos saudáveis, a uma visão positiva da vida, oferecendo um referencial de significados para o enfrentamento da condição de doença.

Do ponto de vista mais abrangente a saúde seria colocada compondo uma unidade, reforçando os trabalhos multidisciplinares, destacando-se as diferenças genéticas, comportamentais, variáveis como sexo, idade, educação, nível sócio-econômico e estado de saúde. Esta complexidade de variáveis poderiam ser foco de discussões, o que poderia ampliar conceitos previamente estabelecidos. Dentro deste contexto a proposta é que se intensifique a realidade interior vivencial na plenitude de seu significado, reforçando as potencialidades, as formas de beleza dos seres humanos e as manifestações de sua

consciência sensível, extraindo no ritmo da pulsação do mundo, qualquer vestígio de alegria. O que se deseja é que cada um possa sentir-se responsável por aquilo que se constrói e que se possa enfrentar a vida com a potência e a coragem de seres criativos que somos, e também celebrem a vida, que tem como principal troféu o prazer de existir.

4. OBJETIVOS

4.1 Geral

Valorizar a troca de experiências e a busca de novas perspectivas, como discussão e reflexão, na intenção de promover saúde, utilizando como modelo a *Biodanza*.

4.2. Específicos

Discutir e o desenvolvimento de novas alternativas de ações em pesquisa e ensino, com ênfase na interação indivíduo-grupo e integração interdisciplinar.

Refletir sobre um modelo integrado, não competitivo e dinâmico para operacionalização de programas interdisciplinares.

Contribuir com novas idéias para se refletir sobre a qualidade e a forma com que o ensino em saúde vem sendo praticado, e buscando simultaneamente o conhecimento e a motivação.

Despertar o interesse do aluno por uma vida saudável e para compreensão na natureza.

Valorizar a auto-estima dos alunos, pela consciência de que são agentes de transformação, conectando-os com a vida, tornando-a mais plena e satisfatória.

Considerar o sofrimento das pessoas que necessitam dos serviços médicos e laboratoriais com dignidade e afeto, semeando sonhos e esperanças.

5. UNIVERSIDADE, CIÊNCIA, ENSINO E SAÚDE: NOVAS IDÉIAS E SUGESTÕES PARA FUTURAS REFLEXÕES.

A missão do professor é acolher, transformar e seguir juntos, numa grande corrente de amor, formando profissionais com formação intelectual de qualidade, mas com princípios da formação humana – ética, afetividade e empatia, de maneira a transformar a sociedade. Mas para tal precisamos ter consciência do que somos, da cultura e educação familiar que aprendemos, dos padrões pré-estabelecidos, que muitas vezes sufoca nossas emoções, impedindo que se aprenda uma nova base de vivência, seja no trabalho ou na vida pessoal. Infelizmente a competitividade, nitidamente presente no meio universitário, reduz as relações cordiais entre as pessoas e as relações afetivas parecem ter ficado para trás.

As estruturas básicas da educação ainda são as mesmas e a maior parte do ensino continua sendo oferecido em salas de aula, sendo que os educadores têm um papel fundamental neste cenário. Fora deste contexto o aluno procura recorrer à literatura básica, ou seja, livros de referência. Todavia, com a era da informática, a maioria dos alunos e professores está bastante treinada a consultar a internet e obter as

informações a partir de uma quantidade enorme de revistas científicas que estão facilmente disponíveis.

Diga-se que, apesar disso, essas informações nem sempre são filtradas de maneira adequada resultando em um processo que se consome muito tempo. O acúmulo de informações pode também trazer sérias questões para a saúde, causado pelos exageros de busca incessante, sendo urgente estabelecer uma "*cultura de limites*".

Toro (2002), o criador da biodança, diz que a ciência e a tecnologia evoluíram de forma extraordinária, porém a afetividade humana permanece na idade do paleolítico, embora a ciência parece ingressar na consciência ética, depois de Hiroshima, Nagasaki e das sucessivas catástrofes ecológicas.

Nos dias de hoje as áreas do conhecimento estão relacionadas com a corporeidade e com o movimento humano consciente, de forma a processar interligações de atividades motoras e mentais. Nossa cultura valoriza demais o racional, estimulando muito o resultado analítico, como a capacidade de lógica, o pensamento, a palavra, de forma a gerar uma dissociação entre as capacidades perceptivas, a motricidade, a afetividade e as funções.

Nós somos um sistema composto de diversas unidades que são, ao mesmo tempo, autônomas e integradas entre si, fazendo parte de um conjunto maior. Nenhum sistema é independente do outro. Pode-se dizer que saúde seria quando o corpo, a mente e os sentimentos se inter-relacionam harmoniosamente e em equilíbrio com o meio ambiente em um processo contínuo de vida (Carvalho, 1999).

Contraopondo ao conceito de saúde, doença significa a perda relativa da harmonia ou então da perturbação dessa harmonia, que se manifesta na consciência e no organismo humano, sendo este sempre visto como parte da natureza, estando sujeito às forças naturais (Dethetefsen & Dahlke, 1983).

Então a questão é como colocar os aspectos somáticos, terapêuticos ou psíquicos dentro de um novo contexto de aprendizado, de forma que o estudante o conheça e adquira espírito crítico para resolver os problemas que um “doente” apresenta? Será possível substituir as formas de apresentação dos conteúdos ministrados, com mudanças reais na configuração do processo de educação, utilizando uma abordagem holística, de forma a garantir que um problema e sua análise não sejam interpretados fora de seu contexto ou ambiente?

Se o equilíbrio é a condição básica para que se possa garantir a expressão do sistema de defesa contra os organismos patógenos e doenças, como manter as formas e funções normais do corpo, quando muitos seres vivos (por exemplo, protozoários, bactérias e fungos) são capazes de alterar, muitas vezes de maneira irreversível os sistemas celulares vitais como respiração aeróbica, síntese protéica e até mesmo o código genético?

E onde esses profissionais e os alunos vão buscar respostas para suas perguntas?

Diante destas questões, é importante que se selecione o que de bom o sistema atual nos oferece, coroando o uso adequado da tecnologia. É importante também que o estudante faça parte como sujeito no processo ensino-aprendizagem e adquira espírito crítico para uma seleção positiva em favor do doente. Por outro lado, haveria

necessidade de experiências que possam gerar alegria, que se reconheça a sabedoria do coração, e a tudo que se refira a qualidade de vida. A transversalidade teórico-conceitual-metodológica deveria passar por uma prática acadêmica nomeada como interdisciplinar e transdisciplinar e a base do ensino seria o diálogo, a amorosidade, a confiança e a transparência.

A sistema *biodanza* poderia resgatar essa possibilidade, trazendo a pessoa para o momento presente, para uma vivência prazerosa daquele instante. Dentro de um contexto parasitológico, a interdependência entre o organismo e o meio ambiente seria reconhecida no diagnóstico da doença, reconhecendo que o organismo está em constante interação com seu ambiente natural e social. O holicismo seria reclamado e os valores e conceitos iriam de encontro com a ética.

6. ATIVIDADES DE AÇÃO E RELEXÃO

Ensinar é um ato de inspiração, intuição, na busca de autonomia, originalidade e independência de trabalho. O desafio é reconhecer, aprender, conviver e respeitar a riqueza da diversidade, celebrando as diferenças e trabalhando pela superação das desigualdades. Ensinar pode ser um encontro amoroso, de luz e de esperança, onde cada atividade se coaduna no objetivo de se obter saúde, instrumentalizando o aluno para o cuidado com vida, potencializando-a, tornado-a mais plena e satisfatória.

6.1- Desenvolvimento

O público alvo foram os alunos da graduação em Farmácia-Bioquímica, opção Análises Clínicas, que cursaram a disciplina de Parasitologia Clínica na Universidade Federal de Santa Catarina, no segundo semestre de 2006. Ao todo 35 alunos participaram das aulas teóricas, contabilizando seis aulas, uma vez por semana e, sendo que destes, 10 alunos também participaram das aulas práticas (3 horas/aula uma vez por semana).

Foi realizado um diário de campo sobre tudo o que estava acontecendo, especificando em cada episódio, onde e como ocorrem as dúvidas que antecederam às aulas, os questionamentos específicos e as experiências olhadas sob diferentes ângulos e as perspectivas, tanto por seu conteúdo específico, como pela complementaridade que o modelo sistema *biodanza* estaria ou poderia oferecer.

Os relatos de elementos de investigação prática constituíram, pois, expressões de um conjunto de estratégias, ajustadas às situações específicas. Neste caminho foram registrados, os cenários nos quais ocorreram as vivências e os avanços conquistados. Muitas vezes as experiências tiveram como objeto apenas a reflexão da tomada de decisões a favor da vida. Entendidas nesta dimensão os alunos tiveram oportunidade de compartilhar seus sentimentos, sendo realizado um processo de avaliação (anexo I), e as respostas das perguntas levantadas foram analisadas no seu conjunto e traduzidas não apenas sobre os relatos, mas também nos desafios e a novas perguntas que surgiram no decorrer do processo.

6.2. Retorno às aulas

No ano de 2006, estive durante uma semana em Porto Alegre, participando de maratonas de sistema *Biodanza* em companhia de muitas pessoas queridas e sentia meu corpo impregnado de muitas manifestações positivas. Na ocasião tive o prazer de partilhar momentos de troca muito importante com minha amiga e facilitadora em biodança, Ângela Paiva, pessoa a qual tenho um carinho e respeito muito grande, não só pelas idéias, mas também pela suas atitudes frente a tantas questões em que se coloca frente à vida.

Voltei convencida de que necessitava de uma prática de ensino, na qual eu pudesse ser mediadora de um processo de construção humana. Meu entusiasmo deveria transpôr a prática convencional didática, de tal forma que eu pudesse me comunicar com os alunos, sentindo no olhar dos mesmos um desejo de estarem ali, não como alunos fisicamente presentes, mas com seres especiais, capazes de caminharem juntos na busca de uma melhor qualidade de vida para si e para àqueles que necessitam ou vão necessitar de seus serviços.

As questões mais desafiadoras seriam colocar a parasitologia dentro de um contexto de prazer, uma vez que estaríamos trabalhando o semestre todo com fezes e estas teriam que ser “manipuladas” no decorrer das práticas da disciplina Parasitologia Clínica e coadunar as práticas e os conteúdos parasitológicos com algum exercício de biodança.

O tema da primeira aula de parasitologia seria apresentar o plano de ensino e falar sobre colheita e processamento do material biológico (fezes). E ao pensar na temática a palavra que me veio foi “acolher”. E à medida que eu ia experimentando esta sensação de acolhida esta palavra passou a tomar um sentido mais amplo em mim. Comecei a

pensar não só da relação aluno-professor, aluno–aluno, mas também do acolhimento das pessoas que estão necessitando dos serviços de parasitologia.

6.3. Primeira aula de parasitologia: acolhimento

Minha primeira aula ocorreu em um laboratório de Parasitologia do Departamento de Análises Clínicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estando presentes oito alunos. Pensei que seria muito significativo abrir espaço para uma reflexão e depois convidar os alunos para uma vivência prática. O cenário não era muito animador, pois o laboratório é composto de bancadas e com pouco espaço para circular.

Contudo, após entregar o cronograma, comentei que faríamos ao longo do semestre, exercícios de reflexão sobre o estabelecimento de vínculos e valores relativos à ética do cuidado, onde pudéssemos exercer nossas práticas laboratoriais com atitudes mais afetivas e calorosas, descobrindo a potência do vínculo amoroso, vivenciando um novo espaço de construção.

Após esse comentário, escrevi no quadro a seguinte frase: ***colheita do material fecal e acolhimento***. Em seguida tentei fundamentar esta frase.

Argumentei que a escola é centrada no desenvolvimento de competências e que era preciso re-significar à prática profissional cotidiana em parasitologia. Questionei até que ponto as universidades se apresentam como viabilizadoras de sonhos e implantadoras de esperança e como as mesmas têm efetivamente comprometidos com a vida. Argumentei ainda que se a intenção é promover a saúde, então é importante que se potencialize a vida, tornando-a mais plena e satisfatória; que se valorize a troca de experiências e a busca de novas

perspectivas, como discussão e reflexão no âmbito da saúde, de forma que o professor e aluno possam exercer um papel fundamental, como alavanca de um projeto de vida, contribuindo para qualidade de vida daqueles que necessitam de nossos serviços. Era, pois, necessário valorizar ações humanas a favor da saúde e da vida.

Assim, terminando esta fala, convidei os alunos para que pudéssemos dar as mãos, formando um círculo. Expliquei aos mesmos que este era um gesto de acolhimento e que esta roda nos colocava em uma situação de igualdade. Neste processo de formação, eu seria apenas mediadora de um saber que estava dentro de cada um dos presentes. Em seguida coloquei a música: *Boas vindas de* Caetano Veloso. Quando a música acabou houve troca de abraços e aos poucos os alunos foram voltando para seus lugares. Em seguida, a parte teórica-prática da aula proposta foi iniciada e esta foi acoplada a plenitude da vida.

Considerarei que no simples gesto de entrega do frasco para colheita de fezes ao paciente poderíamos ter uma manifestação de amor. Talvez um olhar solidário fosse suficiente. Um olhar de satisfação de poder em algum momento participar do processo talvez de cura para àqueles que buscam os serviços parasitológicos. Fico pensando que talvez esse o momento mais importante da prática laboratorial, pois vai além do saber científico, segue o rumo da sensibilidade.

Quem não compreende um olhar também não compreenderá uma explicação

Mario Quintana

Compaixão quer dizer "sentir junto". O lugar da compaixão não é o lugar do conhecimento. É no coração. É do coração que a ética surge, como determinação viva do corpo. O conhecimento da ética não nos torna seres éticos. A corrupção não decorre de uma falta de conhecimento. Decorre de uma doença na alma. Não aprenderam a compaixão. Os corações sem compaixão batem sozinhos. Não saem de si mesmos.

Rubem Alves

6.4. A identidade no reconhecimento dos parasitas intestinais.

A segunda aula de parasitologia prática tece como tema o estudo de lâminas, contendo diversas estruturas de parasitas que habitam o intestino humano. Essas estruturas seriam o próprio parasita (protozoários) ou ovos e larvas de helmintos (vermes).

Considerarei que este seria ótimo momento para trazer a questão da identidade. Lembrei e comentei com eles que quando minha filha era bem pequena fazíamos uma brincadeira, onde cada uma qualificava a outra e não podia repetir o elogio. Normalmente a brincadeira acabava quando ela se cansava e me chamava de algo não muito amistoso. Era a forma que ela encontrava para dizer que estava cansada. No dia seguinte repetíamos tudo de novo e assim nosso repertório de qualificações ia aumentando a cada dia.

O exemplo trazido trouxe a tona à reflexão de que a identidade de um indivíduo pode ser reforçada pelos atribuídos de valorização de cada pessoa e por um simples processo eventual de qualificação. Sensível a um processo, que se repete pelo mundo afora, onde se imperam sentimentos, posturas e atitudes de inferioridade e desvalorização de modos de ser, de viver e de pensar, eu propus que cada um buscasse um referencial no qual pudesse se trazer um valor, ou uma capacidade pessoal. Argumentei que enquanto continuarem vigorando mentalidades

do tipo depreciativas, seremos postos à margem aos oprimidos e empobrecidos e o nosso eu, passará por um processo semelhante.

Considerei que era preciso reverter esta situação, destacando experiências positivas, estabelecendo atitudes comportamentais que valorizem, o belo, o correto, as virtudes. Argumentei que se tivermos este entendimento no exercício de nossas práticas laboratoriais, poderemos ter experiências que permitirão expor a nossa própria forma de ser, agir e pensar, revelando assim cada um a sua identidade.

Dando prosseguimento a esta reflexão primeiro me apresentei e sugeri que os alunos me olhassem e, pelos meus tributos físicos, me descrevessem. Argumentei que essa seria a mesma lógica que utilizaríamos na descrição dos parasitas que iríamos reconhecer. Iríamos primeiro descrevê-los e depois confirmar esta descrição por microscopia.

Considerei as qualidades físicas descritas por eles e disse que eu poderia ser identificada também pela minha alegria, pela imensa vontade de viver, pela minha sensibilidade. E fui perguntando para cada aluno. E você quem é? Diga algo que o qualifique. E por meio deste jogo, muitos demonstraram o gosto de falar, fazendo disto um gesto espontâneo. Os mais resabiados disseram: eu sou realista.

Aplaudi a todos e li alguns versos criados pelos alunos da escola de Gravatal durante uma maratona de identidade do Gastón Andino. Essas poesias foram transcritas por mim e na ocasião elaborei um texto chamado *identidade na forma de poesia*. Este texto foi o que já escrevi de mais bonito na vida e tive a satisfação de vê-los publicados na revista eletrônica *Pensamento Biocêntrico*, volume 5, ano 2006.

*Eu sou quem? Eu sou o que?
A princípio não sei
Mas aos poucos descubro e me dou conta de que não sou uma ilha isolada*

*Sou uma partilha do universo, uma parte da terra!
E sou a totalidade junto com todos.*

*Você é tudo, é lindo, é eu, somos nós.
Você é você e também é puro, é tudo, é nada!
É cada pedaço do universo
É total, é inteiro, é segmentado, é também completo!
Você é simplesmente você
É assim como todos*

Faz parte do todo

Estava lendo esta parte do poema, quando me dei conta de que a totalidade nos coloca na posição dos mesmos organismos que parasitam o nosso intestino. Então seríamos também parasitas? Eu mesma fiquei chocada ao pensar e dizer isto aos alunos. Foi tudo inesperado. Fiquei mais tranqüila ao lembrar do livro de Margulis & Sagan (2002) que minha amiga Ângela havia me emprestado um dia anterior à minha aula.

Neste livro os autores colocam que o microcosmo vive em nós e nós nele e que somos, assim como o ambiente, um mosaico evolutivo de vida microscópica, sendo que cada espécie está incorporada à rede global de toda vida. Trazendo essas lembranças, acrescentei que 10% do nosso peso corporal consistem de bactérias e que muitas delas estariam integradas às nossas células, como parte de um processo simbiótico. Já não seria mais o meu intestino, mas o nosso. Ou seja, os parasitas se sentiriam tão donos desse território, desse corpo, quanto nós.

Aparentemente eu havia camuflado a sensação de desconforto que poderia ter gerado nos alunos, mas a verdade é que eu ainda estava incomodada com a idéia de ser também um parasita. Obviamente não deixei transparecer esta dúvida e continuei lendo os poemas.

Eu sou muitas possibilidades, com uma grande credibilidade!

Vivendo a dualidade para criar a realidade

Eu sou a eternidade divina, a luz da totalidade.

A cada momento gerando vida, vivendo a vida, respirando vida, sendo vida.

*Eu sou o universo transformando cores descobertas
O abraço da árvore no canto alegre do vaga-lume em trânsito
Vislumbre presente para você*

Mais uma vez me dei conta que um único protozoário, uma única célula é vida, que cresce, se multiplica e tenta preservar a sua espécie. Muitas espécies devem ter desaparecido enquanto outras começaram a florescer. Não é assim com a Parasitologia? Aproveitei para falar do uso indiscriminado de anti-helmintos, cuja prática tem sido relacionada com a diminuição de helmintos de interesse médico. Esta prática, sem dúvida tem sido incorporada como meio profilático para maioria das pessoas que vivem em cidades “modernas”.

Eu particularmente ousou contestar este procedimento, por acreditar que as parasitoses intestinais são assuntos a serem discutidos no âmbito político e social. Além do mais, o uso indiscriminado desses medicamentos, pode diminuir as imunoglobulinas intestinais, o que poderia desencadear doenças tais como, diabetes mellitus, asma. Coloquei a importância da educação sanitária e do saneamento básico, duas medidas tão comentadas e tão pouco praticadas na sua essência, e voltei a ler mais um verso.

*Eu sou compaixão de mim mesma
Eu sou aceitação de meus vazios*

Desta vez não fiz nenhuma analogia com a Parasitologia, mas deixei os versos no ar, e após um minuto de silêncio passei a descrever os parasitas e depois a demonstrar os mesmos por microscopia.

6.5. Reforçando o aspecto saúde

Nas sessões de *Biodanza* que participava, sextas-feiras pela manhã, com minha facilitadora, Elizabete Melo, colocava essa necessidade de ministrar aulas de uma forma diferenciada, voltada mais a um espírito mais humanitário, ao prazer, reforçando a questão da saúde. Partilhava com o grupo minhas incertezas e minhas iniciativas. Desta troca me sugeriram que, tal como fazemos na parte verbal de uma sessão de *Biodanza*, eu pudesse oportunizar aos alunos a se manifestarem quanto às duas vivências até então propostas.

Assim, antes mesmo de dar início ao tema da aula, perguntei aos alunos como tinha sido para eles participarem da roda de boas vindas, de se permitirem ao abraço, de se qualificarem. Na turma da manhã a resposta foi um silêncio total. E este silêncio me perturbou muito, pois temia que na mais absoluta sinceridade eu pudesse ouvir coisas do gênero:

Não gostei, não quero mais participar dessa tua proposta...

Transpondo este sentimento para parte verbal de uma sessão de *Biodanza* penso, que ao induzimos as pessoas a falarem de seus sucessos, de uma certa forma, o facilitador acaba sendo qualificado. A questão que ocorre ao escrever este texto é se realmente há um espaço aberto para que as pessoas possam se manifestar quanto ao que não gostou, não concordou, não entendeu, ao que não foi bom. Será que o silêncio não coloca o facilitador nesta dúvida e neste caso ele se antecipa com sua fala? Será que o medo de ouvir o indesejado me fez, naquela manhã, quebrar rapidamente aquele silêncio tão perturbador?

Na turma da tarde a situação foi diferente. Os alunos relataram que a timidez e o medo do ridículo, muitas vezes, impediam que eles pudessem ter atitudes mais espontâneas. Em relação à questão da identidade disseram que eles não têm esse hábito. Todos concordaram que era muito mais fácil falar dos seus defeitos do que de suas qualidades.

Como mediadora deste processo de reflexão, trouxe a tona à fala do Jorge Terrén. Ele teria comentado que quando o enfoque é a doença e não com a saúde, quando se busca nos diagnósticos os possíveis “vilões”, e aquilo que falta no indivíduo, podemos inconscientemente incorporar atitudes negativas nas nossas vidas. Talvez seja essa uma das razões pelos quais os alunos sentiram dificuldade de trazerem para si só uma qualidade.

6.6. Trabalhando a identidade

A terceira aula prática consistiria, além do exame microscópico, na realização de provas bioquímicas para verificar, por exemplo, a presença de sangue oculto nas fezes, um sangue que não é visível a olho nú e por isso utiliza-se de reações especiais. Refletindo sobre o tema me ocorreu que o sangue tem uma representação de vida e que esta precisa ser respeitada e valorizada. Por outro lado, utilizei a palavra oculto me referindo a omissão, a nossa falta de coragem de tomar decisões, de realizar nossos desejos ocultos, de ser feliz aqui e agora. Considerei que precisamos de determinação para alcançar nossos objetivos. Expliquei que o caminhar com determinação poderia levar o aluno a experimentar desse determinismo e que muitas pessoas não sabem exatamente o que procuram, nem como ir.

A proposta foi um caminhar com determinação pelo laboratório, de forma que o aluno seria o fio condutor no seu espaço de trabalho e

na Instituição a qual pertence. E no movimento do caminhar com determinação havia a simbologia de andar pela vida sem tropeços, mas com ousadia, de forma a reconhecer, neste momento, o espaço de trabalho.

Contudo para esse caminhar era preciso quebrar o constrangimento que o momento exigia. Assim, na turma da manhã, quando coloquei a música *End Title de Vangelis* e convidei os alunos a caminharem com determinação pelo laboratório, somente quatro alunos (de 8) o fizeram e assim mesmo, talvez, meio que envergonhados. Os demais se mostraram como espectadores do processo. Deixei transcorrer só uma parte da música e fui abaixando o som até cessar. Após essa curta caminhada, pedi para os alunos ficassem atentos com forma como caminham pela vida e os convidei para aula aberta de *Biodanza* que daria na próxima sexta. Isto foi tudo que consegui naquela manhã. Voltei ao tema da aula e tudo voltou ao "normal".

Na turma da tarde na consigna do caminhar acrescentei ainda que as mudanças interesses da comunidade ocorrem a partir das atitudes de cada indivíduo, e que estas podem ser resumidas em tarefas diárias denominadas como metas. E com determinação pode-se encontrar a cura para nossas feridas e alívio para as nossas dores. Disse que podemos recriar uma cura interna com amor diante da vida. Com esta fala iniciei o caminhar e desta vez todos participaram.

6.7. Trabalhando a escolha

Nas próximas aulas práticas de parasitologia os alunos realizariam diferentes técnicas parasitológicas e no final do semestre os mesmos poderiam escolher quais métodos utilizariam para a realização do diagnóstico das parasitoses intestinais. A palavra escolha me levou a

considerar o tipo de vivência que escolheria para a próxima aula. A sugestão seria, pois, que os alunos escolhessem alguém para caminhar. A música seria, caminhar com fé de Gilberto Gil.

Decidi que, antes da caminhada, contaria uma história sobre um personagem João que sempre tinha uma escolha positiva frente à vida. A cada manhã, ao acordar, ele fazia opção pelo bom humor, por palavras de gentileza, pela alegria e mesmo após ter sido gravemente ferido em um assalto ele optou pela vida. Esse conto foi importante, pois me permitiu fazer a ponte das escolhas que fazemos nas nossas vidas, incluindo as práticas laboratoriais. Considerei que no final do semestre os alunos escolheriam quais métodos utilizariam para que pudessem ter um melhor resultado nas análises parasitológicas e que era preciso a ética do conhecimento e do coração para se pudessem fazer a melhor escolha.

Ocorre que a maioria dos laboratórios de parasitologia opta por realizar apenas um método, o que compromete os resultados. Assim, apesar do conhecimento que se adquire durante a vida acadêmica, é preciso que impere à ética profissional, trazendo mais conforto para a consciência e para o coração. Seria a ética do coração baseado no cuidado pelo outro.

Na turma da manhã, eu fiquei com muitas dúvidas se os alunos estavam mesmo se importando com as coisas que eu estava falando. Eu senti uma certa impaciência em um aluno, mas mesmo assim disse que era apenas um convite e deixei livre para que eles pudessem ou não participar. Dos nove alunos, sete todos do sexo feminino, aceitaram o convite. Os outros dois alunos, que eram do sexo masculino, foram com o monitor para outro compartimento do laboratório para dar início à aula prática. Com os alunos que caminharam fui caminhando ora com um ora com outro e continuei até o final da música. Não dei ênfase à troca e deixei que os alunos caminhassem livremente pelo Laboratório e no final

da música sugeri que se alongasse um pouco. Senti que esse caminhar não foi espontâneo, e me deu uma sensação não muito agradável. Eu não queria buscar o que faltava, mas não podia negar que o canal ainda estava fechado, talvez menos, mas longe do que eu gostaria. Talvez eu tivesse que respeitar que eles pudessem não querer participar deste processo.

Na turma da tarde pontuei a necessidade de colocar o coração e a emoção no trabalho, da responsabilidade que cada pessoa tem pela sua vida, onde a somatória das atitudes de cada um é que faz a diferença no meio onde vive. Propus então uma caminhada com fé, com emoção e responsabilidade, inclusive pelos exames que iríamos realizar. Assim, com esse pulsar, sugeri que todos caminhassem comigo pelo Laboratório. Escolhi um aluno para caminhar comigo e fui trocando, atenta a todos os outros. Quando a música terminou perguntei a eles como se sentiam com as práticas que eu estava propondo. Eles me responderam sem muito pensar que não estavam acostumados, mas que era bom.

6.8. Contornando os obstáculos: por uma investigação mais ética

Eu começava a ficar apreensiva com a turma da manhã, mas como me considero guerreira e, pelo meu histórico, uma pessoa persistente, eu queria continuar, mas não sabia como. Foi quando recebi uma mensagem que dizia:

Se alguém lhe bloquear a porta, não gaste energia com o confronto, procure as janelas. Lembre-se da sabedoria da água: água nunca discute com seus obstáculos, mas os contorna.

Encontrei nesta mensagem um reforço para as minhas intenções. Haveria de contornar a situação sem confrontos. As caminhadas que sugeri até então não foram bem sucedidas. Era apenas um convite, mas eu sentia que era importante à aceitação por parte de todos dos alunos. Talvez os mesmos precisassem de uma situação de mais conforto, sem locomoção.

Nesta aula realizaríamos um método de concentração dos enteroparasitas por sedimentação forçada em um sistema formalina éter (método de Ritchie) ou sedimentação espontânea em água (método de Lutz).

Fiquei repetindo a palavra sedimentação e me ocorreu de trazer a tona à discussão dos valores que sedimentam nossas atitudes. Eu queria trazer a temática da aula para uma proposta de vida, pois o ensino não pode ser pura e simplesmente mecânico, implica sólidos compromissos com práticas cidadãs. Nesta aula eu queria contribuir para o desenvolvimento e sedimentação de uma ciência em que se conjugasse uma reflexão metodológica com a nossa realidade enquanto, educadores, estudantes e sociedade, que os alunos pudessem incorporar em suas práticas uma investigação ética. Queria falar da consciência ética do profissional sob o ponto de vista individual e organizacional, fomentando os princípios e valores que poderiam servir de parâmetros para a solução de muitos problemas que estamos enfrentando hoje nas disciplinas que ministramos.

Todos os seres humanos necessitam de segurança. O que está acontecendo hoje no campo da parasitologia é que os próprios profissionais da área da saúde (especialmente os médicos), perderam a segurança ou a confiança nos resultados parasitológicos, e como temos muito medo da doença, há no seio da população um estigma em tratar o pressuposto parasita, sem a realização dos exames parasitológicos. É por isso também que é preciso debater a questão de como os exames os

exames parasitológicos estão sendo realizados, uma prática que vem sendo estrangulada, à espera de uma prótese do espírito, como se estivesse com seus valores éticos amputados.

Se a ética encontra-se ligada ao ideal de “bem fazer” e de “bem agir”, quando penso em conduta ética em parasitologia, penso no respeito ao público que busca esses serviços, na responsabilidade social para com essas pessoas, no compromisso que temos com a qualidade dos serviços prestados.

Mas para que possamos avançar neste processo será preciso uma interação, imersão e envolvimento entre os participantes, a fim de que as escolhas éticas pessoais possam fazer parte do dia-a-dia de cada profissional, dando ao mesmo mais segurança no trabalho que realiza, e elevando também a dignidade do ser humano. E esse saber e fazer teriam que ser entendido não como sinônimo de poder ou de competição, mas como sinônimo de busca. Busca pelo melhor, pelo justo, pelo ético.

Não se pode esquecer o mundo em que se vive, mas podemos escolher o mundo que queremos viver.

Na turma da manhã eu optei primeiro em explicar as técnicas para depois fazer considerações sobre investigação mais ética. Somente no final dessa minha fala, sugeri um segmentar de pescoço com a música *Because I love*. Coloquei apenas uma parte da música e percebi que três alunos ficaram de cabeça baixa escutando apenas.

Com a turma da tarde pode-se dizer que fizemos uma pequena discussão a respeito do tema e o segmentar de pescoço teve adesão total por parte dos alunos. Com estes alunos sinto que tudo flui melhor, há um eco, participação. Sinto também que essa nova forma de ensinar está gerando um clima amistoso e percebo que há um certo prazer por parte de todos em estarem aí presentes.

Apesar da minha fala, diga-se que neste dia eu estava muito aflita, com alguns problemas pessoais. Confesso que meu coração estava muito mais em sintonia com as minhas preocupações. Aí me perguntei? E se isto acontecer quando estou preste a facilitar uma sessão de *Biodanza*? Como ignorar a angústia que estava sentindo pelos meus problemas e me colocar com o coração aberto e falar com um coração tranqüilo?

6.9. Ancilostomose e estrogiloidose e algumas reflexões sobre simbiose.

Esta era minha primeira aula teórica de parasitologia do segundo semestre de 2006, e contava com a participação de 35 alunos. Eu teria, ao longo do semestre, apenas quatro aulas com duração de 1 hora e meia, para abordar os assuntos teóricos propostos no cronograma e avançar nas reflexões que achasse pertinente. O tema da primeira aula seria discorrer sobre os ancilostomídeos, causador da doença popularmente conhecida como "amarelão" e também sobre o *Strongyloides stercoralis*, um parasita que tem levado a muitos óbitos por conta da disseminação de suas larvas em pacientes imunodeprimidos, ou que fazem uso de corticóides.

Eu queria aproveitar o tema da aula para dar ênfase à importância ao fenômeno modulador de conservação das espécies, aos organismos

que passaram a sobreviver quando começaram a cooperar um com o outro, à simbiose que levou ao aparecimento de novas espécies, fazendo também uma análise retrospectiva, aos componentes das cooperações celulares que revelaram indícios de suas origens, formando as mitocôndrias, conforme relatos de Margulis & Sagan no livro *Microcosmo* (2002).

Assim, comecei a aula dizendo que os ancilostomídeos, como outro parasita, tentam propagar-se. O que se percebe é que há uma luta a favor vida e que isto se manifesta em todas as espécies. Há também um mecanismo de adaptação, onde se busca a homeostase e condições de vida favoráveis a sobrevivência de cada espécie. A simbiose é sem dúvida a regra da evolução. Quando um organismo age como destruidor ela acaba destruindo a si próprio.

A lição que se pode tirar disto tudo é que uma entidade necessita constantes trocas, ajustes, de atitudes conciliatórias e cooperativas. Precisa ser capaz de preservar efetivamente contra agressões do mundo. Assim, até por uma questão de sobrevivência, intuitivamente os parasitas passam a cooperar com o hospedeiro e muitos deixam de ser “vilões” e ao longo da evolução podem criar uma relação que favoreça a ambos.

Mas a seleção natural tende a eliminar redundâncias. Se dois organismos, por exemplo, sintetizam um mesmo nutriente, um deles pode perder esta capacidade, aumentando o número e formas de vidas simbióticas. Essas questões são importantes no que diz respeito ao instinto de sobrevivência de um organismo e aos indícios de ampliação das fronteiras da vida. Quando os organismos são demasiadamente numerosos ou morrem ou criam soluções para seus problemas, descobrindo novas formas de espaço.

Aplicando esta reflexão para ao tema da aula é preciso considerar que a fêmea de *Strongyloides stercoralis* é partenogenética (parteno = virgem e gênese = nascimento), ou seja, as fêmeas não necessitavam dos machos para fecundar seus ovos, não havendo, pois, a contribuição dos machos no processo de reprodução. Talvez uma forma de explicar este tipo de reprodução seria considerar que quando o meio se torna menos favorável para o desenvolvimento da população, a variabilidade genética, imposta pela reprodução sexual, poderia por em risco a sobrevivência desta espécie, e como o objetivo dos seres vivos é sobreviver e reproduzir, somente essas populações só de fêmeas que seriam menos variáveis persistiram.

Outra questão em relação ao *S.stercoralis* e que merece uma reflexão é sobre o caráter peculiar deste parasito. Esta espécie ao encontrar provavelmente os nutrientes necessários no solo, passa a reproduzir sexualmente, havendo, pois, a presença tanto do macho e da fêmea. Há outras espécies que têm comportamento similar, por exemplo, existem animais como lagartos que vivem na beira do Rio Amazonas e afluentes, em que a partenogênese facilita o seu desenvolvimento. Existe também uma espécie de pepino do mar que se distribui por toda costa atlântica e que, em uma parte desse território, se reproduz sexualmente e em outras regiões a reprodução é do tipo partenogenético.

Mas a reflexão sobre estes parasitas passa também pela forma como o homem tem lidado com a relação parasita /hospedeiro. Monteiro Lobato utiliza-se da história do Jeca Tatu, para retratar a miséria, a desnutrição e as moléstias de nosso povo e lança-se numa vigorosa campanha jornalística em favor do saneamento. Com a frase "O *Jeca não é assim. Está assim*", Lobato considerou o retrato sem retoques da

miséria do povo brasileiro. Acompanhar a trajetória do Jeca Tatu, na linguagem de hoje rebatizado como "*Zé Brasil*", nos faz pensar dos novos ideais que podem nos transformar e nos libertar, quando se decide percorrer outros caminhos. (ELIAS, 1990).

Todas essas reflexões foram colocadas durante o contexto teórico da aula e durante a aula entre uma reflexão e outra pedi que os alunos escutassem a seguinte música: *tocando em frente cantada por Maria Bethânia*.

Finalizei a aula dizendo que a competição, tão expressa no meio universitário, não é sadia para ninguém porque se constitui na negação do outro. Neste sentido, segundo um texto de Feliciano Edi Vieira Flores, Facilitador-Didata na Escola Gaúcha de *Biodanza*, a competição anularia a relação com outro e com o próprio processo de evolução, uma vez que somos o milagre de sucessivos encontros, o produto de fusões celulares interruptas que possibilitaram a formação do nosso corpo vivo e que deram origem a nossa própria vida na terra.

Partindo desta reflexão, e assumindo que ao me inserir e me integrar ao mundo, passo a fazer parte dele como um todo, reconhecer o outro implica em desenvolver uma atitude ética e solidária, no amor incondicional aos semelhantes. Neste caso, o Sistema *Biodanza*[®], por meio da Educação Biocêntrica poderia ser um instrumento mediador no processo educativo, pois utiliza das potencialidades dos seres humanos para construir relações de amorosidade, de afeto, de vínculo, de transformação e integração à humanidade.

6.10. Teníase e cisticercose e a relação tu e eu

Nesta aula eu queria ampliar a reflexão sobre integração e cooperação entre seus componentes, incluindo o diferente, a aceitação e o respeito pela própria identidade e a do outro e a possibilidade de viver com mais plenitude. Por outro lado, queria associar esta reflexão promovendo uma discussão sobre as diferenças e as diversidades que ocorrem dentro de um contexto de vida.

Assim, em um primeiro momento considerei o hermafroditismo, que ocorre com a *Taenia saginata* e a *Taenia solium*, cestóides conhecidos como "*solitárias*". A idéia era ter um ponto de partida para estruturar novas reflexões sobre a base da evolução que conservam os seres vivos. Questionei sobre a forma de reprodução desses parasitos que são hermafroditas, colocando a possibilidade da consciência do amor entre dois seres que se fundiram em um só organismo, impulsionando a novas formas evolutivas. Contudo considerei também que possivelmente o custo de manter sistemas separados pode ter sido uma condição desfavorável para a reprodução destas espécies.

Mas além do hermafroditismo, observa-se que também ocorre o fenômeno de protandria nestas espécies. Porque será que o sexo masculino desses cestóides é o primeiro a atingir a maturidade? É possível, mais uma vez que o custo energético de manter um sistema masculino e feminino poderia reduzir a população de embriões que se poderia produzir. Se isto for certo, então seria mesmo conveniente atrasar o desenvolvimento feminino e somente quando a espécie alcançasse um tamanho maior é que o outro sexo seria produzido.

Se colocarmos essa questão para o ser humano, percebe-se que a intenção sexual básica na espécie humana se dá pelo sexo feminino,

pois na meiose os cromossomos sexuais masculinos sempre são portadores de um cromossomo feminino. Por outro lado, a masculinidade na mulher se revela biologicamente com a menopausa. Estudos cogitam que esta é uma fase onde o organismo feminino se prepara para substituir seus machos em todos aspectos da vida. Foi com a ausência do macho que o ovário passou a segregar mais hormônio endrógenos (masculinos) que estrógenos. Então, sob o ponto de sobrevivência da espécie humana, a menopausa poderia ser explicada como capacidade da fêmea sobreviver na ausência do macho. Mas o homem tem modificado seu estilo de vida e tem sido cada vez maior o aumento da longevidade dos indivíduos e talvez por isso a menopausa tem-se mostrado também cada vez mais tardia.

E qual seria o parâmetro de sucesso mais importante em relação a uma espécie? Por que a espécie humana tem sido aparentemente favorecida na terra? Se partirmos do pressuposto que somos um sistema formado por diversas unidades, autônomas e ao mesmo tempo integradas com natureza, às adaptações para mudanças que possam ocorrer, deve favorecer o processo de evolução. Dentro desta lógica por meio dessas diferenças e da integração com o outro nos firmamos como seres únicos na terra. Esse aspecto é importante porque reforça a importância do outro, da relação grupal e ao mesmo tempo fortalece nossa identidade.

E modelo do Sistema *Biodanza* tem uma visão grupal, procura a compreensão do mundo como um todo, onde o "eu" seria o resultado de uma transformação consciente, de integração com o outro. Permite a constante construção e transformação, dando a possibilidade de um novo ser. Seriam pois a transformação do sentimento de raiva convertida em sentimento de compaixão e compreensão, de

sentimentos ou energias negativas em afirmações positivas, de relações afetivas entre as pessoas, superando o mal estar e suas causas.

No conjunto essas metamorfoses, poderiam possibilitar uma atividade corporal favorável no aspecto de se constituir um ser saudável, garantindo a nossa própria sobrevivência. E os mediadores que operariam no processo de cura estariam ainda ligados ao sentimento de ruptura do ego, da construção do consciente em uma obra de aprender e querer se transformar.

Então cada um de nós pode ser um instrumento que facilite a emergência de mobilizar o nosso corpo para uma vida saudável. E dentro desta dimensão é importante cultivar uma ecologia interior, social e ambiental, tendo a consciência de que tudo está ligado com tudo. E ao se guiar por essa essência, cada um poderia ser um líder em sua plenitude manifestando amorosidade pelo outro.

E uma forma de se pensar em grupo, seria, pois, experimentar da sensação do encontro com o outro, reverenciado o outro. Foi dentro desta perspectiva que, antes mesmo dos alunos chegarem para a aula teórica, eu havia colocado as carteiras em forma de círculo. No final da aula, após ministrar o conteúdo teórico e associa-lo às referidas reflexões sugeri que os mesmos formassem uma roda.

Disse que a roda permitia me colocar em situação de igualdade, onde podíamos celebrar e aceitar as diferenças de cada um. Disse que cada que cada um tinha uma importância singular e que poderíamos crescer juntos, abnegando a competição, e sincronizando a nossa dança com a dança do planeta. Com esta fala coloquei a música "*A tua presença morena*" de Caetano Veloso e terminamos a aula com abraços.

6.11. Modelo celular aplicado às relações humanas

Nos dois dias que sucederam a última aula teórica de parasitologia não tive tempo para registrar as emoções que brotaram daquela minha tentativa. Com editais abertos tive que por a escrever projetos de extensão para obtenção de bolsas para alunos e possíveis recursos que poderiam advir deste processo. Mas mesmo estando envolvida com estas tarefas acordei naquela manhã e passei a registrar as idéias que vinham surgindo. Pensei no modelo celular, na complexidade de interações, em seus diversos sistemas, nas constantes trocas que elas realizam com o meio, ou seja na permanente flutuação.

Então me ocorreu que o modelo biológico é o reflexo do meio em que vivemos. E se nesse processo de construção de seres únicos que somos, as células estão em constantes trocas, interagindo constantemente com o meio, as nossas relações pessoais não poderiam ser diferentes. Agora a questão seria como estariam ocorrendo estas relações? Que tipo de troca está sendo esta? Podemos mesmo utilizar o termo construção? Penso que se essas interações forem do tipo positivas, aqui inclui um vocabulário imenso de qualificações, estas mesmas flutuações ocorreriam com mais fluidez, e os pontos de instabilidade gerados, frutos desse encontro poderão gerar outro padrão celular que nos beneficie.

Por outro lado, é preciso considerar que estamos sendo bombardeados constantemente por estímulos estressantes (sejam eles positivos ou negativos) e isto requer um gasto energético maior e toda bioquímica se faz presente para responder ao fluxo de energia gerado por esses estímulos. Embora, no modelo de sociedade que se vive hoje, parece quase impossível vivermos a parte desses “bombardeios”, sejam eles de ordem familiar, social, cultural, o nosso organismo precisa de um tempo de calma para suportar tudo isto, sob pena de desencadear

um modelo celular patológico, manifesto primeiramente em forma de sintomas. Ou seja, precisamos repousar, ter espaço para comer tranquilamente, relaxar, orar, meditar. Enfim esta prática de apaziguamento para consigo mesmo pode ser facilitada pela escolha e preferência de cada um, seja pela yoga, biodança.

Dentro deste contexto imaginei um processo complexo, instável, mas com um padrão definido. A instabilidade surgiria em função dessas constantes flutuações e estes minúsculos diferenciais poderiam gerar outro padrão celular que fosse benéfico ou não. Ou seja, o indivíduo definiria por si mesmo, mas a sua construção seria fruto de uma complexidade, fruto de um ser evoluído que está em constante troca com o meio.

Essa reflexão serviu de base para trabalhar o tema fluidez que estava ligado ao elemento água.

6.12. ***Schistosoma mansoni* e o elemento água**

Na semana anterior a esta aula eu havia facilitado a minha oitava aula de estágio supervisionado em biodança, tendo como tema o elemento a água. Eu estava ainda muito emocionada com o processo da facilitação e senti que era o momento para trabalhar com este tema, pois grande parte do ciclo biológico deste helminto ocorre em ambiente aquoso.

Desta vez eu queria avançar um pouco mais em termos de vivências, de forma que planejei uma hora para o conteúdo teórico e meia hora, mais vinte minutos de intervalo para as vivências que iria propor sobre o tema água. Desta forma, cheguei mais cedo, deixei as carteiras em círculo e uma mesa com café da manhã, para a etapa final.

Assim, em um primeiro momento, expliquei que todos somos seres da água: todas as formas de vida se originaram da água e todos nós conservamos essa “memória oceânica”. Neste caso, a reflexão sobre o elemento água passaria por um olhar mais profundo sobre nós, já que a vida está conectada com a qualidade da água que está dentro e ao redor de nós.

No decorrer da aula, detalhei o ciclo biológico deste helminto que pôde ser resumido pelo Melô do *S.mansosi*, descrito pelo professor Leonardo Coimbra.

*O molusco vive lá no rio
onde o homem fezes vai jogar
miracídeo entra no molusco
e em cercaria vai e transformar
hei, hei é o fim
Schistosoma para longe de mim
o fígado e baço
o verme vai pegaaaaaar
causar destruiçaaaaaaao
barriga dágua então vai dar*

E os componentes identificados na transmissão da esquistossomose permitiram uma reflexão sobre a consciência da natureza, os ciclos e tudo que pudesse influenciar as mudanças do nosso planeta e como consequência em nós mesmos. A forma de relacionar com o meio em que estamos inseridos e suas dependências podem representar uma mola evolutiva com a qual podemos nos equilibrar. Se nos colocarmos em sintonia com a natureza, poderemos imperceptivelmente nos fundimos com o universo, incorporando seus dinamismos ao nosso próprio, vivendo em harmonia divina com o mundo e seus habitantes.

E ao fazer essas colocações comentei sobre as pesquisas de Emoto (1999), onde por meio de técnicas fotográficas, ele teve

evidências fascinantes de que vibrações positivas ou negativas têm a capacidade de mudar a estrutura molecular aquosa do meio. Por exemplo, águas poluídas, em diferentes condições e locais, mostraram estruturas cristalinas distorcidas e formadas sem ordem. Por outro lado, por meio da oração, de bons pensamentos, da meditação e de manifestações de carinho à água formava cristais com estruturas tridimensionais bem definidas, simétricas e em perfeita harmonia.

Dentro desta reflexão, fiquei pensando que o controle da esquistossomose passaria não só em reconhecer os diferentes agentes responsáveis pela transmissão da doença, mas também nas condições de vida da população, como o acompanhamento de problemas ambientais voltados à prevenção e também a argumentos que incluam a transmutação das energias negativas do nosso planeta. A água é fonte de vida. Precisamos urgente renovar a água diária que circula no meio ambiente e nosso organismo de forma tão íntima que nos permita nos conectar com a consciência ética universal. Essa atitude influenciará positivamente o meio ambiente e nossa saúde pessoal.

Ao terminar essas reflexões convidei os alunos para realizarem uma roda e considerei que as moléculas de água são ligadas entre si por pontes de hidrogênio, sendo que essas ligações são frágeis e se modelam sem se romper. Dentro desta lógica, essas ligações poderiam ser representadas por uma roda onde cada pessoa seria uma molécula de água, que estaria fazendo pontes com outros indivíduos, criando danças, estruturas, outras danças, com outros encontros, toques, sentindo essa fluidez da água que está no tempo necessário e sabe desapegar e criar algo novo. E que a roda faz lembrar que fazemos parte dessa totalidade. Com esta fala coloquei a música *Complaint Africane – Bia*, sugerindo que a roda girasse com fluidez e com os movimentos que lembrasse a as ondas do mar.

Na seqüência coloquei a música *Paraguay – Pajaro Campano* e pedi que os alunos imaginássem uma cercária ou um miracídio em busca de seus hospedeiros. Esta vivência trouxe a tona toda vitalidade e o barulho gerado incomodou suficientemente um professor, que veio pedir para que parássemos. Como estávamos trabalhando com fluidez foi o grande momento de fluir. Confesso que a vontade era outra, mas enfim era mesmo preciso encontrar uma forma que não interferisse na aula de outro professor.

Como mais uma vez eu havia preparado o café da manhã eu sugeri outra vez que fizéssemos uma roda e pedi que cada um falasse uma palavra de harmonização e fui passando uma bandeja de bombom caseiro que havia comprado para cada aluno. Considerei que nosso organismo está em constante transformação e que a água é também produto do metabolismo energético e que nós e a água formamos parte desta dança da vida. Coloquei que aos nos banharmos com a água do amor, em favor de paz, de harmonia, de generosidade conseguiremos reestruturar nossas vidas, dando mais beleza e saúde interior. Com esta fala convidei-os para tomar o café que havia preparado, na própria sala de aula.

Na avaliação que preparei para aula seguinte eu coloquei a seguinte frase:

Se alguém lhe bloquear a porta, não gaste energia com o confronto, procure as janelas. Lembre-se da sabedoria da água: água nunca discute com seus obstáculos, mas os contorna.

E uma aluna respondeu:

Um obstáculo muitas vezes pode ser uma orientação para um novo e melhor caminho.

6.13. Roda de embalo: revisão de lâminas

Nas duas semanas seguintes eu fui para Porto Alegre para participar de um curso de Educação biocêntrica ministrado pela Rute Cavalcante e também para uma maratona da escola. No retorno sofremos um acidente, que por muito pouco não foi fatal, mas felizmente saímos fisicamente ilesos. Fiquei muito abalada com tudo que passou, pois tinha muitos compromissos e queria chegar o mais cedo possível. Lembrei-me do comentário feito pela Rute Cavalcante: *vivemos a crise da falta tempo.*

Dias após esse acidente recebi um e-mail de um professor de filosofia e autor de vários livros, Agostinho D. Vechia, que dizia:

A humanidade tem uma concepção mecanicista da realidade e a vida está culturalmente centrada na idéia de que para ser é necessário ter, dissociando o corpo dos sentidos, das percepções, das emoções, dos sentimentos...

Fiquei sensibilizada com estas palavras, porque mais no que nunca eu apostava em uma prática social de transformação afetiva. Não podia ignorar os sentimentos que aquele acidente ainda traziam.

Naquela aula prática faríamos uma revisão nas estruturas dos parasitas intestinais. Era então um ótimo momento para trazer a tona à discussão a crise da falta tempo. Assim, recebi os alunos e compartilhei com eles as sensações que tive sobre aquele acidente, onde percebi que vida ia além dos seus limites e que a vida é feita de absurdos e encontros. Propus que fizéssemos uma revisão das nossas atitudes, da ética ligada ao ideal de "bem fazer" e de "bem agir", da responsabilidade social que se deve ter para com essas pessoas, do compromisso que cada um tem com a qualidade dos serviços prestados.

A ousadia de querer ser eu mesma fez com que eu refletisse sobre minhas reais necessidades e mergulhasse na minha essência. Tomando o direito de ser eu mesma, comentei também sobre o cuidado com o outro, pois naquele momento de fragilidade eu precisava do cuidado dos meus alunos. Mergulhada assim nessas emoções convidei aos alunos para fazerem uma roda de embalo e coloquei a música " Tocando em Frente", cantada por Maria Bethânia. Foi com naturalidade dos sentimentos que pude chorar e abraçar cada um dos alunos. Senti que esta roda me trouxe uma nova forma de vínculo com os alunos, baseada na compreensão e na ternura de que não estamos sós.

6.14. Avaliação e auto-avaliação

A aula de esquistossomose havia chamado a atenção dos professores e eu havia me tornado alvo de atenções, a ponto tal que fui chamada pela supervisora da disciplina para uma conversa não muito amistosa. Foi difícil ter que ouvir tudo que ela tinha para me dizer e confesso que fiquei com o meu emocional abalado. Mas eu estava tão convicta da minha proposta que sugeri então elaborar um documento em que o aluno pudesse se colocar.

Enquanto eu buscava na literatura instrumentos que me ajudassem na elaboração de tal avaliação tive oportunidade de trocar idéias com vários professores e colegas e inclusive com o chefe de Departamento. Percebi que apesar de haver oposições à minha proposta, há um entendimento de que o professor tem autonomia para ministrar suas aulas com os recursos didáticos que achar necessário, inclusive a dança ou a *Biodanza*. Apesar disto, eu sabia que na última aula o barulho tinha sido excessivo e que não poderia repetir tal situação.

A aula seguinte seria o momento de avaliação. Considerei que desta vez que a avaliação dos alunos não seria só do tipo formativa, de responsabilidade única do professor, que considera acertos e erros, mas em que os alunos apontassem seu próprio processo de aprendizagem. Achei que uma co-avaliação permitiria um olhar crítico consciente sobre o que se faz, enquanto se faz. Assim, a auto-avaliação passaria por um processo consciente de reflexão sobre o que e como se está aprendendo, contribuindo para progressão e/ou re-direcionamento dessa aprendizagem.

Embora a auto-avaliação tenha sido optativa, eu estimulei os alunos para a realização da mesma, de forma que quase todos participaram deste processo. No final nós discutimos todas as questões. Percebi que alguns conteúdos precisavam ser revistos e que também eu necessitava saber se a didática ou os métodos de ensino que eu estava utilizando (aplicando o Sistema *Biodanza*) alteravam a forma como o conteúdo era incorporado. Assim, no mesmo dia da avaliação dos alunos eu já tinha elaborado um documento pedindo que os mesmos fizessem uma apreciação das práticas realizadas, apontando as dificuldades e contribuições proporcionadas pelo modelo adotado (anexo 1).

Participaram desta avaliação vinte alunos, sendo que dez eram de turmas práticas e teóricas. A avaliação das turmas práticas foi escrita e também por meio de um diálogo franco com eles, pois queria que o processo fosse integrador.

A primeira questão abordada foi como cada aluno recebeu a nova estratégia de aprendizado em parasitologia. 30 % responderam que não altera o processo de aprendizagem, mas contribui para as relações pessoais, 30% consideraram promissor e que contribui para as relações pessoais, 15% disseram que melhora o processado e

aprendizado, 15% acharam pouco produtivo e 10% disseram que prejudica o aprendizado.

A segunda questão apontada era se o aluno concordava com a metodologia e estratégias utilizadas nas aulas práticas e teóricas. 50% disseram que em parte, 30% não concordaram, 15% em quase tudo e 5% concordaram.

A terceira questão foi se dentro do que os alunos vivenciaram houve dificuldades em se expressar. 50% disseram que não, 35% que sim, 5 % não responderam, 5% tiveram dificuldades somente no primeiro dia e 5% apenas no começo.

Os itens seguintes eram para que os alunos dessem sugestões, apontassem a experiência mais significativa e as contribuições e dificuldades.

Dentre os comentários, que considerei importante contra o sistema adotado, pesou o fato de eu não ter deixado claro a proposta do Sistema *Biodanza*. Deste comentário tenho a dizer que talvez, eu tenha mesmo que inserir a proposta utilizada no plano de ensino, ou algum documento que esclareça qual o objetivo dessa estratégia de ensino.

Outros relatos apontaram que a capacitação do aluno tem sido entendida como apreensão dos conhecimentos, concentrando-se em conteúdos sobre metodologia científica.

“Adoro a Sistema Biodanza e a temática abordada, só penso que a mesma não deve se sobressair à parasitologia”.

“Devemos estipular tempo para confraternização e aproveitar ao máximo o tempo de aula prática, com o conteúdo teórico prático”.

“Esses trabalhos poderiam ser desenvolvidos somente após o conteúdo programático”.

“Passar todo conteúdo necessário, tirar dúvidas e se houver tempo hábil fazer alguma dinâmica”.

“É válido tentar mudar o sistema de ensino, mas priorizando aquilo que nos interessa, como aprender a disciplina de parasito e não fugir deste tema.”

“Sugiro que as dinâmicas não ultrapassem 10 minutos das aulas para que o conteúdo possa ser dado de maneira proveitosa”.

“Não utilizar tanto tempo das aulas para biodança”.

As citações acima referidas externam o pensamento de um modelo didático vigente, o qual considera que o professor tem o papel de ensinar, conduzindo os alunos em assimilações acerca do acervo científico cultural e metodológico-técnico, levando à formação de profissionais executores de conhecimento, convertido em capacidade de atuação. Neste tipo de ensino pressupõe que os procedimentos didáticos estão centrados na figura do professor e a transmissão do conhecimento ocorra por meio de aulas expositivas.

Percebe-se que neste sistema ainda impera a necessidade de criação de alternativas para outro modelo de ensino e permite reafirmar o caráter prático da educação. Não obstante, essa constatação não pode preterir a dupla função do ensino, onde os educandos possam conhecer não apenas as dimensões técnicas com o devido rigor, cientificidade e criticidade, mas também possam no exercício profissional conclamar que as aprendizagens se associem a partir da realidade cotidiana de cada aluno e também possa priorizar o intercâmbio professor-aluno-sociedade.

Particularmente acredito que há uma necessidade de concepções que valorizem a vida, o cuidado com o outro e que as mediações filosóficas e teóricas-práticas podem contribuir para essa percepção.

Penso ainda que esse processo de avaliação é um desafio considerável, porque me obriga a considerar os erros e os acertos, transitando na luta dos contrários, prazer e sofrimento. Tenho clareza

de que este é um processo de permanente recomeço e que a cada semestre terei que começar quase sempre do zero, pois serão outros alunos e tudo será novamente novo e desafiador. Contudo olhando para trás posso reconhecer as falhas e valorizar os acertos em todas suas etapas. Posso verificar qual foi a contribuição deste modelo de ensino proposto na qualidade do cuidado com a vida e no crescimento da profissão.

Em concordância ao modelo proposto, relato o depoimento de experiências emocionante, que me reforça manter a continuidade deste trabalho.

O Sistema Biodanza contribuiu para relações humanas e sentimentos, para eu ser um ser humano melhor. Foi muito importante para nossa profissão.

As práticas enfatizaram a importância do paciente e o cuidado que devemos ter com os mesmos e orientá-los. Foi especialmente importante para nos lembrar que o paciente deve ser tratado com carinho.

O Sistema Biodanza ensina a humanizar um pouco mais o relacionamento bioquímico-paciente. Tratar o indivíduo como se humano, respeitando as peculiaridades de cada um. Uma metodologia diferenciada de ensino e não o aluno como receptor passivo de informações.

O Sistema Biodanza ajudou a entender que precisamos tratar os pacientes com amor e respeito e não como número e amostras.

Que somos acima de tudo seres humanos e devemos como tais respeitar ao próximo, dialogando sempre que houver alguma dificuldade, pois assim aprendemos mais e juntos crescemos.

O Sistema Biodanza contribuiu no pensamento humano nas práticas dos laboratórios, no sentido de fazer com responsabilidade, consideração e amor pelo outro.

Uma visão diferente como propagação da saúde e não da doença. Um abordagens diferentes, que visam uma humanização da profissão, na integralidade dos serviços.

A Sistema Biodanza contribui para aproximar a nossa classe da população; enxergar o quanto nosso trabalho é importante para promoção e recuperação da saúde e humanizar as nossas relações.

O primeiro dia de aula foi um dos dias que, graças à da aula professora, me senti acolhida para fazer as práticas e fazer parte deste novo grupo de bioquímicos.

A primeira aula prática foi a que mais marcou, pois foi à primeira vez que um professor nos acolheu tão bem e falou do nosso papel como profissional de saúde na orientação do paciente, trabalhar com amor, etc.

O Sistema Biodanza melhorou a relação com os colegas de turma. A experiência de aprender parasitologia, como lidar com o paciente, como agir no laboratório

Falar das nossas qualidades, pois normalmente só observamos defeitos. Relacionei-me com colegas que eram mais quietos e de difícil acesso à amizade.

Achei importante no dia em que foi falado sobre o sangue oculto, no sentido de omissão, em relação à falta de coragem de tomar decisões que poderiam mudar a vida para melhor. Continue sendo sempre essa professora flexível e que pensa no bem está dos alunos. Obrigada.

Professora, suas idéias e sua doação são de um enorme carinho e de muita inteligência e modernidade. A proposta de doação ao próximo é linda e ajuda a aliviar o mal estar ou preconceito de trabalhar com fezes.

7. CONCLUSÕES

O modelo *Sistema Biodanza* pode ser vantajoso para o ensino uma vez que o mesmo aposta em um sistema veiculado com a vida, com a possibilidade de atuar sobre a parte sã do indivíduo, podendo influenciar de forma positiva nos cenários acadêmicos, construindo relações do tipo

flexíveis, cooperativas e transformando para melhor a própria vida. Por outro lado, este modelo busca relações estreitas de integração entre dicotomias convencionais e a obtenção da auto-realização das pessoas, implicando em enfoques multidisciplinares e contribuindo para abordagens do todo.

Compete a cada um de nós a iniciativa de buscar soluções, procurando ser e agir em conformidade aos princípios que acreditamos, buscando o auto-equilíbrio e participando do desenvolvimento adequado do outro e do meio em que vivemos, somando algo de melhor de nós mesmos e dos que nos cercam.

8. BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALVES, R. **Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação.** Ed. Loyola, São Paulo, SP, 2003.

BRANDÃO M.L. **Psicofisiologia.** Atheneu Editora, Rio de Janeiro, 1995.

CANTOS, G.A. A expressão da identidade em forma de poesia. **Rev Pensamento Biocêntrico**, n.5, 2006.

CAPRA F. **Sabedoria incomum.** Ed. Cultrix, São Paulo, SP, 1988.

CARPER, J. **Seu cérebro milagroso.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000

CARVALHO, T. Doenças crônico degenerativas no Brasil. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Orientações básicas sobre atividade física e saúde para profissionais das áreas de educação e saúde.** Brasília: Ministério da Saúde e Educação, 1 ed .cap.1 e 2 p. 15-26, 1995.

DANIEL S. Um Novo Paradigma de aprendizado na prática médica da UNIFESP/EPM. **Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, para concurso de Livre-Docência do Centro de Informática em Saúde – CIS-EPM** (atual Departamento de Informática em Saúde - DIS), SÃO PAULO,1997.

DETHELEFSEN T & DAHELKE R. **A doença como caminho,** Ed. Cultrix Ltda, São Paulo, SP, 1983.

GONÇALVES, R.B. **Saúde do Adulto: programas e ações em unidades básicas.** São Paulo: Hucitec/FMUSP, 1996.

GRAEFF F.G. & BRANDÃO M.L. **Neurobiologia das Doenças Mentais**. Quinta Ed., Lemos Editorial & Gráficos, São Paulo, 1999.

ELIAS, N. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1990. 271p.

EMOTO, M. **The true power of water**, Beyond Words Publishing, 2005, 180p..

FLORES F.E.V. **Educação biocêntrica**, Ed. Evangraf, Porto Alegre, RS, 2006, 190p.

GOIS, C.W.L. **Noções de psicologia comunitária**. Ed. UFC, Fortaleza, 1993, 135 p.

GOIS, C.W.L. **Biodança, identidade e vivência**, 2 ed, Ed. UFC, Fortaleza, 133p.

GONÇALVES, R.B (Org.) **Saúde do Adulto: programas e ações em unidades básicas**. São Paulo: Hucitec/FMUSP, 1996.

KHALSA D.S **Longevidade do cérebro** , Editora Objetiva Ltda, rio de Janeiro, RJ, 1997.

KRUSCHE, M. **Trate bem seu estresse. Vida e Saúde**, São Paulo, v.60, n.2, p.8-10, fev.1998.

LABAN, R. **Domínio do corpo**. São Paulo: Summus , 1971. p. 51,197.

LOMANIKE, L. Dança como contribuição para a qualidade de vida. **Informe Phorte** v. 3 n. 9, p.12-13, 2001.

MALUF, S W. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da "Nova Era". **Mana**, v.11, n.2, p.499-528, 2005.

MARGULUS, L & SAGAN D. **Microcosmo: quatro bilhões de anos de evolução**. Ed. Cultrix, São Paulo, 2002.

MORATTO, M. E. B. **Ginástica jazz**. 2.ed.São Paulo: Manole,1993.

NAHAS, M.V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. 2 ed. Londrina: Modigraf, 2001. 238p.

NANNI, D. **Dança educação, pré-escola a universidade**. Rio de Janeiro: Sprint,1995. p.75-79.

NANNI D. **Dança educação**, princípios métodos e técnicas. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. 267p.

SCHRAIBER, L.B MENDES-GONÇALVES, R.B. Necessidades de saúde e atenção primária. In: SCHRAIBER, L.B.; NEMES, M.I.B. & MENDES-

SILVA, A L. Relação médico-paciente. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v.51, no.3, p.132-132, 2005.

SILVEIRA, A. C. P. A dança como combate ao stress. **Monografia (Graduação em Educação Física)**, Curso de Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto, Florianópolis, 1996, 87p

SUSANA B. Ciência / Pesquisa usa DNA como referência para recriar linguagem na dança. **Correio da Bahia**, agosto, 2001.

TEXEIRA, E.F. B., MULLER M.C., SILVA J.D.T. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Edipucrs, Porto Alegre, 2004

TORO, R. A. **El paradigma biocêntrico e outros textos**. Chile, 1993. 382p.

TORO, R.A. **Projeto minotauro**. Abordagem terapêutica do sistema Biodança. Rio de Janeiro: Vozes, 1988. p.12.

TORO, R. A **Teoria da Biodança. Coletânea de textos**. ALAB, Fortaleza, Editora Olavobrás / EPB, 2002.

VECHHIA A.M.D. **Educação integrada à vida. Analética e visão biocêntrica; distinções e convergências**. Ed. Bibliografia, Pelotas, RS, 2002.

VECHHIA A.M.D. **Ética : afetividade e cuidado pela vida**. Ed. Bibliografia, Pelotas, RS, 2002.

ZANELLA, A. V. & TITON, A. Pi. Analysis of the scientific production on creativity in graduate study programs in psychology (1994 - 2001). **Psicol. estud.**, v.10, n.2, p.305-316, 2005.

ZOBOLI, E.L.C.P. bioética e saúde: novos tempos para mulheres e crianças? **Cad. Saúde Pública**, v.22, n.2, p.458-460, 2006 .



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE
CEP.: 88040-970 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
TEL.: (48) 331-9919 / 331-9712 -FAX.: (48) 331-9542



Florianópolis, 15 de novembro de 2006.

Prezados alunos

Neste ano tenho adotado tanto nas aulas teóricas como práticas estratégias que fogem ao ensino tradicional. Estou convencida de as estratégias de ensino não convencionais, como as vivências, propiciam a assimilação melhor do conteúdo programático. Acredito ainda que o saber científico passa interação professor-aluno-grupo, pela motivação, pelo prazer e por uma prática de ensino conectada com a vida e a saúde. A idéia não foi minimizar a importância do conteúdo programático em função da didática ou dos métodos de ensino utilizados. O objetivo foi despertar ou elevar o grau de interesse e participação do aluno em relação ao que se propõe, valorizando a vida.

Contudo é possível que algumas pessoas tenham se sentidas abertas a novas propostas de ensino e que outras possam ter tido dificuldades de expressão em algum momento dos trabalhos, ou mesmo tenham se sentindo constrangidos com tais práticas. Assim, para que eu possa obter êxito nessas minhas iniciativas, é importante que haja uma apreciação das práticas realizadas, apontando as dificuldades encontradas e a contribuição proporcionada pelas vivências propostas.

Não haverá necessidade de identificação e gostaria que todos fossem bastante sinceros nas colocações, sejam elas positivas ou negativas.

Muito obrigada por participarem desta avaliação

Prof.a Geny Aparecida Cantos

Segue um retrospecto das vivências:

1. O tema da aula foi "*colheita do material*" fecal e começamos com uma roda com a música "*Boas vindas*" de Caetano Veloso, desejando as boas vindas a todos e no final da música sugeri houvesse trocas de abraços. Considerei ainda a acolhida que temos com nosso pacientes e que trabalhar com o material fecal poderia ser um gesto de amor.

2. Relacionei o processo de identidade com a descrição dos parasitas intestinais. E cada qual falou o seu nome e tentou se qualificar. Li um texto sobre identidade na forma de poesia.

3. Fiz referência à técnica do sangue oculto e utilizei a palavra oculto me referindo a omissão, a nossa falta de coragem de tomar decisões, de realizar nossos desejos ocultos, de ser feliz aqui e agora. Considerei que precisamos de determinação para alcançar nossos objetivos. Expliquei que o caminhar com determinação nos impulsiona a realização das práticas laboratoriais. Coloquei a música "*End Title*" de Vangelis e comecei a caminhar com determinação pelo laboratório.

4. Considerei que no final do semestre os alunos escolheriam quais métodos utilizariam para que pudessem ter um melhor resultado nas análises parasitológicas e que era preciso a ética do conhecimento e do coração para se pudessem fazer a melhor escolha. Sugeri que os alunos escolhessem alguém para caminhar. A música foi "*Caminhar com fé*" de Gilberto Gil.

5. Nesta aula realizaríamos um método de concentração dos enteroparasitos por sedimentação forçada em um sistema formalina éter (método de Ritchie) ou sedimentação espontânea em água (método de Lutz). Utilizei a palavra sedimentação para trazer à tona a discussão dos valores éticos que sedimentam nossas atitudes.

6. Revisão de lâminas. Fizemos um roda de embalo, considerando que precisamos atitudes, e que nos falta de tempo para cuidar da gente e do outro. A música foi tocando em frente, cantada pela Maria Bethânia. Agradei a oportunidade de partilhar este momento com todos, pois estava muito emocionada, devido a um acidente que tinha sofrido, que tinha tudo para ser fatal.

Primeira aula teórica: ancilostomose e *Strongyloides stercoralis*. Foi realizada uma reflexão sobre a ancilostomose, considerando como o homem tem lidado com a relação parasita /hospedeiro e convidei-os

para roda de confraternização com a música "*Boas vindas*" de Caetano Veloso. Sugeri abraços de confraternização.

Segunda aula teórica: teníase e cisticercose e a relação tu e eu. No final da aula confraternizamos com o café que tinha preparado, mas antes fizemos uma roda onde coloquei a música "*A tua presença morena*", de Caetano Veloso e pedi que um servisse o outro, colocando a questão de desenvolvermos a gentileza, a troca. Enfim reforcei a questão tu e eu.

Terceira aula teórica: esquistossomose. Mais uma vez preparei o café da manhã. Apresentei uma mensagem sobre o efeito das palavras na água. Fizemos uma roda trabalhando a fluidez e a água. Considerei que tanto a cercaria como o caramujo necessitam da água para penetrarem nos seus hospedeiros. Dançamos duas músicas: *Complaint Africane* – Bia (em rodas), Paraguay "*Pajaro Campano*", simulando a cercária e o miracídio tentando penetrar no hospedeiro. Fomos interrompidos por dois professores que reclamaram do barulho. Finalizamos, tomando o café da manhã, mas antes cada um falou uma palavra de harmonização para que o alimento, assim como havia passado na mensagem da água, fosse recebido com tal harmonia.

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. Como você recebeu a nova estratégia de aprendizado em parasitologia que vem sendo aplicada pela Profa. Geny no semestre 2006?

muito promissor promissor pouco produtivo

melhora o processo de aprendizado dificulta o aprendizado

não altera o aprendizado, mas contribui para as relações inter-pessoais

promissor e contribui nas relações inter-pessoais

Não sei dizer ou não quero me manifestar

2. Dentre o que você vivenciou neste semestre nas aulas de parasitologia, qual foi a experiência mais significativa que teve? Por quê?

3. Houve dificuldades para você se expressar em algum momento dos trabalhos? Comente-os

4. Que contribuição essas práticas trouxeram para Ser um farmacêutico-bioquímico?

5. Dê sugestões, pois elas são importantes para ao nosso aprimoramento.

